

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII

ABRIL E MAIO DE 1902

N.º 4 E 5

Epigraphia christianò-latina

Uma inscripção inedita

a) Procedencia da lapide que a contem:

S. Pedro de Arcos, ou Santa Maria do Valle, é pelo seu passado e pelo seu presente uma das mais importantes freguesias do concelho de Arcos-de-Val-de-Vez. Tem actualmente a denominação de Nossa Senhora do Valle. Dentro do seu perimetro perduram ainda vestigios archeologicos de várias epocas, a attestarem que aos mais antigos tempos podem seus habitantes guindar as tradições locaes. Não poucas mamôas pelos visos das collinas que emmolduram o feracissimo valle em que assenta a freguesia, ruinas de castros ainda bem accentuados nos relevos do terreno, vestigios embora apagados da epoca romana, e restos de uma curiosa necropole medieval podem ser outros tantos titulos de um archaico nobiliario, que se hoje não se archiva em rolos de pergaminhos, nem scintilla em escudos enxaquetados, não vale menos para enriquecer as estantes dos museus e illustrar as paginas das revistas.

O mais antigo templo christão do povoado colloca-o uma velhissima tradição oral numa eminencia contigua aos castros; d'elle não ficaram ruinas apparentes; os vestigios de um vasto cemiterio christão localizam á sua parte, do outro lado do valle, um centro religioso posterior, ainda hoje representado pela actual igreja da freguesia. No terreno occupado pelas sepulturas vêem-se restos de paredes, que se diz serem de outra igreja, que teria sido predecessora da que subsiste, construida em 1701. O adro actual e rocios da freguesia vizinham com a antiga necropole, se é que nalguns pontos, por trás da igreja, se não sobrepuzaram. Com o tempo, esse chão duas vezes sagrado, para a archeologia e para a piedade dos nossos maiores, veiu

a ser terra de lavradio, primeiro na posse da propria igreja, depois na do arrematante dos passaes, que o foi um dos seus abbades.

Presentemente parte do local apresenta algumas transformações, mas ainda assim os vestigios do antigo cemiterio, com suas sepulturas abertas no salão duro, reconhecem-se facilmente. Chama-se o sítio *Murteira*, da abundancia de murta que por ahi se cria espontaneamente, e acaso será uma das testemunhas sobrevivias das plangentes loas, com que eram alli inhumados ainda á moda antiga, nos seus cofres de tijolo, alguns dos valentes e ignotos cooperadores da nossa nacionalidade.

Em uma parede, que fecha o quinteiro da casa de habitação, recentemente construida no local da necropole, está mettida uma pedra com *letreiro*, em caracteres de typo romano-degenerado, encontrada ha algumas dezenas de annos, e procedente do mesmo cemiterio.



Essa pedra, sensivelmente trapezoide, se completarmos o canto que lhe falta, mede no seu maior comprimento apenas 0^m,87 e na largura da cabeceira 0^m,44. É uma lage granitica de tosca superficie, em que se abriram no sentido da sua maior extensão tres linhas de caracteres, profundamente gravados. Na posição em que se acha embutida na parede, a pedra offerece leitura normal, mas, se a suppuermos posta sobre uma sepultura, a leitura tinha que se fazer lateralmente. Assim collocada, uma pequena cruz, chamada grega, encimava a campa, e o epitafio.

Com estes elementos, a sua authenticidade é irrefragavel. E não é esta uma circumstancia de somenos valor, attendendo a que tal epitafio demonstra que, ainda em seculos não muito afastados, estavam em voga formularios reconhecidamente visigodos¹.

¹ Attamen, cum tituli illi ad Visigothorum fere tempora vel etiam recentiora pertineant omnes... (Hübner, *Inscr. Hisp. Christ.*, praef. 1).

b) *Origem da parochia:*

Antes de proseguir, e com o fim de esclarecer uma referencia da epigrapha, que é o principal objecto d'esta noticia, preciso dizer que a parochia na sua remota origem foi, como não é raro acontecer, um pequeno mosteiro ou cenobio, de fundação anterior, e porventura seculos, á monarchia portugueza. De um documento do tempo de D. João I (a. D. 1388) se infere que S. Pedro Darcos já existia na vida de D. Tareja, porque a Rainha expressamente o menciona ao fundar em terras proximas o outro mosteiro de Santa Maria de Ermello¹.

As *Inquirições* de 1258 são expressas em consignar em S. Petri Darcus, predecessora de Nossa Senhora do Valle, a anterior existencia de um mosteiro coutado, ao tempo d'ellas já dissolvido, embora não houvesse ainda um seculo, se são exactas as conclusões a que me leva

¹ O documento é uma carta de D. João I a Fr. João Martins, Abbade de Ermello, a qual transcrevo na integra de fol. 477 r, do Tombo da freguesia de Nossa Senhora do Valle. A cópia que nelle se encontra é authentica. Póde tambem ver-se no Liv. 2.º de D. João I, fol. 60 e Liv. 1.º fol. 178, no Archivo Nacional. «Dom Joam por graça de Deos Rey de Portugal e do Algarve, Senhor de Ceupta & A quantos esta carta virem fazemos saber que Dom Frey Joam Martins Abbade do nosso Mosteiro de Santa Maria de Ermello nos disse que a Raynha Dona Tareja nossa bisavó a que Deos perdõe edificara o dito Mosteiro e o naon acabara asy como inda agora he e o edificara no julgado de Soayo que he terra de montanhas hermas e lhe leyxara herdades em as ditas montanhas e em outros lugares e pollas guerras que foram ataqi e pollas grandes mortindades que elle e todo seu Convento se nom podia manter e postoque morresse algum frade, que pollo lugar que era de montanhas e polla mingoa das rendas, que nom haviam, que nenhum queria hy entrar por frade e que a dita Raynha mandara que se o dito Mosteiro nom podesse manter asy por guerras, como por mortindade, como por outra qualquer guiza que seja, *que se tornasse o Sam Pedro Darcos*, que he no julgado de Valdevez e das quaes cousas nos fez certo por Lourenço Annes Fogassa a que dello demos encarrego; que o dito Mosteiro se nom podia manter sem alguma outra ajuda e nos fizemos pergunta ao dito abbade e elle nos disse que se poderia manter se lhe desse a Igreja de Soayo e a Igreja de Britello do Arcebisnado de Braga que parte com a freguesia do dito mosteiro; Porem nos a honra da Virgem Maria nossa defensor e destes Reynos em cujo louvor he edificado o dito mosteiro, conserando as muytas e estremadas grassas que do seo filho bento arrogo della sempre recebemos asy em guarda do nosso corpo como em exsamento dos ditos Reynos, especialmente na Batalha e Campo que ouvemos com os Castelhões dandonos delles vitoria maravilhosa mais polla sua misericordia, que pollos nossos merecimentos e polla grande devação que em ella sempre ouvemos e havemos e porque vemos que he servisso de Deos lhe damos a Igreja de Soayo, que faria della camara por a mesa do dito abbade e lhe damos mais

o estudo paleographico da inscripção. Combinando este resultado com a nota das Inquirições, poder-se-ha plausivelmente deduzir a epoca aproximada do abandono do pequeno cenobio pelos reinados de Afonso II ou Sancho II. A lapide seria o mais tardio documento da sua existencia naquelle logar.

c) *Estudo paleographico da inscripção:*

Embora, logicamente, a leitura de uma inscripção seja o resultado do exame de cada um dos seus caracteres e consequencia da sua interpretação, inverterei os termos para anteceder o estudo paleographico do epitafio com a sua leitura completa.

Aqui está pois, o que diz a campa:

[In] hoc locum requi | + esset f(a)m(u)l(u)s chr(ist)i ordo | nius cumfr(ater) in era. Corrigindo, vem a ser: *In hoc loco requiescit famulus Christi Ordonius cumfrater in era...*

a Igreja de Britello para os frades do dito mosteiro e que elles possam poer em ellas capellães que as regam e dem os Sacramentos aos freguezes das ditas Igrejas e nos lhe damos ao dito mosteiro as ditas Igrejas deste dia para todo o sempre..... Dante em a cidade de Braga sinco dias de janeiro Elrey o mandou Gonçallo Lourenço a fez era de mil e quatrocentos e vinte e seis annos». Este documento demonstra sufficientemente a existencia de um cenobio em S. Pedro Darcos, do qual era por assim dizer filho o de Ermello, onde ainda se encontram formosos trechos do estylo romanico, neste caso perfeitamente datados. As Inquirições de 1258 parecem ommissas á cêrea d'aquella *collatione*, mas na verdade o que ha, é nada menos que um erro do amanuense, que escreveu *S. Salvatoris Darcus* onde devia estar *S. Petri Darcus*. Não posso aqui versar essa questão, mas bastará notar: que, sendo irrefragavel a existencia de S. Petri Darcus no tempo de D. Thereza, as Inquirições tê-la-hiam ommittido entre as freguesias do Judicato de Valle de Vice; que, embora por mera coincidencia exista actualmemente na area d'este mesmo judicato uma freguesia com a denominação de S. Salvador (da Villa), é parochia de eriação muito recente (sec. xvii); e finalmente, que os logares referidos nas Inquirições como de uma *S. Salvatoris Darcus*, que então não existia, pertencem todos ainda hoje, como então, á *collatione S. Petri Darcus*. Para dar á publicidade as razões da minha affirmacão, só me falta ensejo de ordenar os apontamentos relativos. Para o actual caso, o que pois importa, é saber que as Inquirições confirmam a existencia de um mosteiro de S. Petri Darcus, coutado por D. Afonso Henriques e até transferido mais tarde para Ermello, cuja fundação se deve a D. Tareja. Aqui transcrevo o texto das Inquirições: «Item in collatione Saneti Salvatoris Darcus (aliás *S. Petri Darcus*)... jurati dixerunt que el Rey non é padrom. Item que é conto per padroes, et que o contou Rey don Alfonso o primeiro (et aqui seive primeiramente o moesteiro d Armelo et dixerunt que aqui o contou el Rey don Alfonso 1.º, et o abbadet et os fratres sacarom no d aqui et poserom no in aquel logar que chamam Armelo)»...

Em face de uma epigrapha como esta, muda quanto á sua data¹, o primeiro problema, que surge, é assignar-lh'a. E é tambem, creio, o unico embaraço que ahí se nos depara.

O exame paleographico de uma inscripção e, ao lado d'elle, o estudo comparativo da sua formula, quando é possivel, devem ministrar, regra geral, os mais seguros elementos para o descobrimento da sua idade. Neste epitafio, porem, não valerá menos uma circumstancia, que se poderá dizer ethnographica, e que o distingue de todos os que pude conhecer pelas obras consultadas.

Vamos, pois, á paleographia dos caracteres.

A simples comparação da presente epigrapha com as que, em Hübner (*Inscr. Hisp. Christ.*), tem os n.ºs 147 e 234, pareceria fazer descobrir nas tres um ar de coevidade, respirando porventura maior rudeza a de Santa Maria do Valle. Aquellas duas são: uma da Gallecia, das Asturias outra, o que mais as aparenta todas tres. Se, porem, este simples confronto nos póde levar ao mesmo seculo das de Hübner (o x), talvez, singularizando o exame dos caracteres², nos vejamos impellidos para uma epoca algo mais recente.

Assim: $\diamond$ que, na inscripção de que me occupo, é bem caracteristico em *locum* e, pela dureza do granito ou impericia do abridor, é dubio em *hoc*, apparece nas epigraphes christãs de Hübner, até aos fins do sec. x, e principalmente então, vendo-se ainda em uma do seculo seguinte³. No resto da inscripção, vêem-se tambem os OO, embora mal defenidos; o que é vulgar succeder.

¹ Epitafios christãos sem notação de data não são caso insolito. Eram lavrados ainda em vida d'aquelles a quem haviam de pertencer, segundo um antigo costume christão. (Veja-se Martigny, *Dictionnaire des antiquités chrétiennes*, s. v. *Sépultures*). Recolheu Hübner alguns d'estes, e em outros a era foi indicada por uma fórmula incompleta, apenas pelo numero redondo pertencente ao seculo; a restante especificação ficava á espera do dia derradeiro. Na presente epigrapha, talvez por acalantar ainda o *cumfrater Ordonius*, ao tempo da sua piedosa disposição, a esperança de attingir o seculo futuro, nem tanto acontecen. Menos do que isto já para Hübner era enigma; das suas inscripções datadas só pelo seculo, escreveu elle: *ut postea mortis annus mensis dies accuratius adderentur quod tamen nescio qua de causa deinde neglectum est.* (Hübner, *Inscr. Hisp. Christ.*, praef. pag. 6).

² Creio piamente que Hübner, para definir a idade da presente epigrapha, não teria necessidade de tão demorado exame; o seu solido conhecimento d'estes assuntos dava-lhe uma promptidão de vistas que de todo me fallece: instincto scientifico que só se adquire ao fim de longos annos de estudo e observação.

³ Este $\diamond$ em losango, data já, segundo Ferreiro (*Lecc. de Arqueologia Sagrada*, pag. 414), do sec. vi, e Hübner colheu-o na peninsula em epigraphes do sec. vii (Hübner, *Inscr. Hisp. Chr.*, n.ºs 100, 119 e 172), em uma do sec. ix (id. n.º 146) e do sec. x em os n.ºs 272 e 274, estas tres ultimas das Asturias e Galliza. Vid.

Outra letra, cujo character se aproxima do da anterior e que a acompanhava, é o [angular, que penetrou pelo sec. XI dentro, sendo todavia mais frequente nas lapides dos sec. IX e X, descriptas por Hübner¹; mas segundo Ferreiro (*Lecc. de Archeologia sagrada*, pag. 413 e 415) tambem apparece em monumentos do sec. XII. É certo que a fórma de C redondo não andava abandonada, vendo-se nalgumas inscripções CC e [simultaneamente². João Pedro Ribeiro cita em varias inscripções portuguezas o emprego do [visigotico ainda no sec. XII e até na segunda metade do sec. XIII (a. D. 1272)³.

Parece pertencer á familia paleographica das duas letras antecedentes o S anguloso ou quadrado, e facilmente se acreditaria que as tivesse acompanhado. Comtudo, em confronto com as restantes, não tende senão a rejuvenescer o epitafio do Valle, visto que o seu apparecimento na peninsula coincide com a vinda da letra francesa nos fins do sec. XI e com a sua definitiva generalização pela segunda metade do sec. XII. Em Hübner ainda não se encontra, nem mesmo no *Supplementum*. Dom de Vaines diz que elle se adapta especialmente aos seculos VIII e IX, e decerto se refere ao seu país; mas Chassant dá-o em inscripções do sec. VIII até ao XVI⁴. João Pedro Ribeiro parece

ainda em Hübner (*Inscr. Hisp. Chr.*,) os n.ºs 213, 216, 259, 212, 258, 276 e 268, que são do sec. XI, e todos tem só o O. No *Inscr. Hisp. Chr. Suppl.*, de Hübner, a epigraphie n.º 488 tem o ◊, e é do sec. XI; do sec. X apparece nas dos n.ºs 486, 495, 496 e 497.

¹ O [é um dos typos mais persistentes; refere-o já Cagnat (*Cours d'épigraphie latine*), embora diga que é raro e proprio de epochas baixas; em Hübner encontra-se numa inscripção já do sec. V e para mais do C. Bracaraugustanus (n.º 135); a sua voga nos seculos IX e X e nas provincias septentrionaes da Hispania demonstra-se nas epigraphes dos n.ºs 147, 231, 232, 234, 237, 238, 272, 274, 276, 242, 251, 246, 252, 255, 256, 271; mas vae-se encontrando ainda em os n.ºs 268 e 276 que já são do sec. XI. Por junto, da Lusitania, Betica e Tarraconense tem Hübner apenas tres epigraphes com o [quadrado (vejam-se n.ºs 210, 223 e 277). No *Inscr. Hisp. Chr. Suppl.*, o [pôde ver-se nas epigraphes 495, 496, 497, 505 do sec. X e 474, 481, 488 e 506 do sec. XI.

² Não ha exemplo de monumento exclusivamente composto de letras quadradas, diz Dom de Vaines (*Dictionnaire raisonné de Diplomatique*, vol. I, pag. 437).

³ Veja-se *Dissertações chronologicas*, tomo IV, dissert. XV, pag. 122. Do sec. XIII cita inscripções dos annos (a. D.) 1219, 1235, 1245 e 1272. Pôde ver-se empregado em um epitafio do sec. XII na *Revista Archeologica*, I, 110.

⁴ É digno de nota que em nenhuma epigraphie reproduzida por Hübner se encontra o S apesar do largo periodo de seis seculos (V a XI) que o seu trabalho abrangeu. Que significa isto na epigraphia da peninsula? Não me parece que haja negligencia graphica, onde se encontram tantos exemplos que a não supõem. Poderá então inferir-se que na Hespanha não era usado por aquellas

notá-lo em inscrições nossas do principio do sec. XIII, e, como attribuição de maior antiguidade, pôde ver-se em um epitafio que se conserva no Museu do Carmo e que tem a data correspondente ao anno 1197; ali vem elle associado ao [ainda em uso, como aliás João Pedro Ribeiro tambem o aponta. Na vetusta igreja de S. Christovam de Coimbra (hoje substituida) existia outro epitafio datado da E. 1207 (a. D. 1169) que tambem tinha o S¹. O uso porem d'este typo estava longe de ser exclusivo; em todo o caso no titulo do Valle não ha de outros. Em resumo: esta letra parece ser, com a sigla a que adeante me referirei, uma das que rejuvenescem a epigraphie do Valle.

Os outros caracteres não abonam mais que estes a antiguidade do monumento; ao contrario encontram-se em Hübner ainda nas mais recentes inscrições que elle colligiu, que vem a ser as do sec. XI, e portanto não contrariam radicalmente uma attribuição mais moderna para este epitafio. Os caracteres não surgem nem desaparecem de subito, mórmente em regiões afastadas e agrestes. Nestas considerações

epocas? O que me parece é que foi uma das letras que nos veio com a introdução da franceza; Merino (*Escuela de leer letras cursivas*, pag. 146) traz um abecedario geral gotico (romano-degenerado) onde se vê o [e o $\diamond$, mas onde falta o S. João Pedro Ribeiro (tomo IV, dissert. XV, pag. 121) assignala o principio do sec. XII como epoca em que a letra gotica (*id.*) já tinha resabios de francês; Muñoz y Rivero (*Manual de Paleografía*, pag. 24, 28 e 29) diz que a letra franceza se introduziu em Hespanha nos fins do sec. XI, se generalizou no sec. XII e foi exclusiva no sec. XIII, tendo-se tornado commum em França no sec. IX e X, o que corresponde com o que Dom de Vaines diz do S. Creio pois que esta letra pertence na península ao sec. XII e principalmente ao XIII. No Museu do Carmo (cat. 1892) ha uma inscrição do sec. XI (a. D. 1081) em que os SS são ainda curvos. Veja-se Dom de Vaines, *Dictionnaire raisonné de Diplomatique*, (1774), pag. 228, tomo II e 437, tomo X, e Chassant, *Dictionnaire des abréviatures latines et françaises du moyen âge*, pag. 86.

A influencia do typo francês não podia limitar-se á letra cursiva, mas a monumental havia tambem de resentir-se da novidade.

¹ João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas*, IV, pag. 122. *Catalogo do Museu de Archeologia* do Largo do Carmo (1892), n.º 2670; este epitafio está muito bem lavrado em letras ditas onciaes no catalogo e, nisso, distancia-se enormemente do de S. Pedro do Valle, cujo parecer é rude; é de Coimbra como o que cito em seguida, que encontrei por copia no *Antiquario Conimbricense* de 1842, n.º 8. Pode ver-se tambem *Paleografia visigoda*, Muñoz y Rivero (1881), pag. 47. Na ponte do Porto (concelho de Amares) que corta o Cavado e inicia a celebre Geira, vêem-se nos quatro primeiros arcos da margem direita (os unicos que pude observar) diversos signaes de canteiros, constantes de letras, que mais me parecem medievas que romanas, e entre ellas o S e outro em que os traços horizontaes sobresaem aos verticaes. Não falta lá um bello suastika. (Veja-se *Milliarios*, de Martins Capella, pag. 59.)

incluo as seguintes letras **MHATQY**; as duas ultimas porem, já não se encontram no sec. XI¹, mas não se poderá negar que a rudeza do sítio não facilitasse, longe dos centros de irradiação, a persistencia d'estes typos archaicos, ainda alem de um seculo em que Hübner os considera como expirados.

No epitafio do Valle ha porem uma sigla que merece algumas palavras, porque inutil seria procurá-la em Hübner². É o signal **Ɔ** fazendo aqui parte da abreviatura **ƆFR** (*cumfrater*)³. Rivero conhece esta sigla na paleographia visigoda, com a significação de *con* (*cum*). «É um C invertido em cujo centro existe quasi sempre um ponto e é collocado dentro da linha e no principio das palavras». Foi usado nos documentos latinos do sec. XII e posteriores⁴, e decerto o seu emprego

¹ Não são levemente deduzidas de Hübner principalmente as minhas conclusões. Para não sobrecarregar o texto com minuciosidades, sou lá mais conciso. **M** encontra-se nos titulos de Hübner com os n.ºs 34, 128, 156, 172, 216, 220, 223 e 276, sendo todos, menos o ultimo, estranhos ao noroeste da peninsula e comprehendendo os seculos VIII a XI. O **H** é caracter mais frequente e quiçá de mais antiga voga, pois vê-se desde o sec. VI nas epigraphes de Hübner, assim numeradas: n.ºs 2, 33, 34, 35, 44, 60, 64, 65, 82, 84, 86, 99, 108, 117, 128, 155, 156, 165, 172, 214, 216, 220, 223 e 276; esta só das Asturias. É ainda fôrma mais archaica a do **A** que apparece já no sec. V (Bracara), teve grande uso no sec. X e attinge o sec. XI. Podem examinar-se os titulos n.ºs 2, 55, 64, 65, 86, 115, 135, 148, 158, 210, 214, 221, 222, 223, 228, 232, 233, 234, 235, 246, 250, 252, 255, 266, 268, 271, 272, 279, e 284. **T** é outra fôrma caracteristica da degeneração dos caracteres romanos, e vê-se já citada por Cagnat para o sec. II; nas epigraphes da peninsula encontra-se desde o sec. VII (Hübner, n.º 119) até ao sec. XI (*ob. cit.*, 216); sendo porem mais frequente no sec. X; veja-se Hübner, *ob. cit.*, n.ºs 34, 119, 128, 148, 214, 221, 225, 228, e 234. Ferreiro (*ob. cit.*, pag. 413) encontrou-o ainda no sec. XII. O **Q** em Ferreiro (*ob. cit.*, pag. 411) vem num monumento do sec. VI (veja-se pag. 411) e em Hübner, desde o sec. VII (n.ºs 117, 158 e 172) até o sec. X em os n.ºs 138, 255 e 274. Por ultimo, as epigraphes do sec. VI ao X tem o **Y** (veja-se Hübner, *ob. cit.*, n.ºs 33, 44, 82, 158, 214, 225 e 255, e em Ferreiro, *ob. cit.*, pag. 408).

² Nada tem de commum com a sigla do epitafio os signaes dos titulos de Hübner, n.ºs 264 e 272 e. Em o n.º 117 (sec. VII) vem para significar *cum* a abreviatura **C**.

³ Ninguém poderá suppor que aqui se trata do *confirmo* dos diplomas medievales.

⁴ Veja-se Muñoz y Rivero, *Manual de paleografía española*, pag. 91, 93 e 113 e *Paleografía visigótica*, pag. 96. Diz este auctor que esta sigla deriva da epigraphia romana, onde em todo o caso, segundo Cagnat (*Epigraphie romaine*, pag. 367, 358 e 82) tinha significados especiaes; mas é de crer que, na escrita documental, fosse retomado pelos amanuenses do sec. XII para significar *cum* em todos os casos de composição de palavra. Confirma isto Chassant, *Dictionnaire des abréviatures latines et françaises du moyen âge*, XXIX, XXXIV, XXXVI, XLVI e pag. 109. Cfr. Dom de Vaines, *ob. cit.*, vol. II, pag. 327.

obedeceu á voga das abreviaturas que o novo typo graphico acarretava. O phenomeno de passarem letras e siglas dos amanuenses para a epigraphia é consignado nos livros da especialidade¹.

Este minucioso exame paleographico do titulo de S. Pedro do Valle tornava-se necessario para afastar a impressão de maior ancianidade, que porventura o aspecto de algumas letras pudesse produzir.

D'este estudo parece-me resultar que teria sido no sec. XII, e mais plausivelmente na sua segunda meação, que este epitafio foi lavrado². E, comtudo, a sua parecença com outros do sec. X, já citados, é muito visivel. Será a persistencia dos typos paleographicos que Hübner notou em especial na epigraphia espanhola? (Hübner, *ob. cit.*, pref. pag. XIV)³.

A rusticidade da campá, condizendo com a humildade e o agreste do ignorado cenobio a que ella estava ligada, affirma-se ainda no irregular traçado das linhas da inscripção, e na sua desigual distribuição. Emquanto a primeira letra tem a altura de 0^m,09, a penultima mede 0^m,07 e a derradeira 0^m,05. Se a pedra não foi partida por esse lado, não sei como caberia depois a era.

Nenhuma dúvida offerece a abreviatura de *fanulus* e a de *Christi*, variante do conhecido chrisma monogrammico; exemplos vêem-se em Hübner, etc.

d) Formula da inscripção:

Seguir-se-hia agora o estudo da formula epigraphica do epitafio do Valle. Não julgo que possa d'ahi saltar alguma luz para a sua attribuição chronologica.

¹ Veja-se Chassant, *ob. cit.*, pref. xv; e Cagnat, *ob. cit.*, pag. 10 e 21.

² Neste titulo não apparece nenhuma letra oncial e comtudo ha-os coevos com letras visigodas e onciaes promiscuamente, como se pôde ver no já referido *Antiquario Conimbricense*. É certo que, em escrita monumental, succedeu ao typo visigotico ou romano-degenerado o monacal (chamado communmente gotico e allemão) e isto pelo fim do sec. XIII. Veja-se Muñoz y Rivero, *Idioma y Escritura de España*, pag. 26; J. P. Ribeiro, *Dissertações chronologicas*, IV, pag. 121 e *Memorias da Academia*, XI, pag. 142).

³ Não me detenho com o exame das letras conjuntas ou compostas da lapide; a que indica a syllaba RE encontra-se v. g. em Hübner (*ob. cit.*) n.º 223 no sec. X; a união do O com o R é ainda mais commun e vem numa epigraphie do sec. XI, n.º 276 de Hübner. Esta inscripção, sem o S quadrado e a sigla de *cum*, poderia sem anachronismo paleographico attribuir-se ao sec. VII ou VIII. E é isso que lhe dá um ar accentuadamente visigodo.

De longe vem a formula inicial adoptada; já do sec. v na Italia, do sec. v e vi na Gallia, e na Hispania traz Hübner epigraphes dos sec. vi e vii com a ampliação do simples *hic* para *in hoc loco*, *in hoc tumulo*, e do sec. x duas, uma da Gallecia (229) e outra da Tarracensis (282). O *Supplementum* acrescentou uma do sec. x; é a do n.º 461. Quanto á idade do epitafio em vista, parece-me apenas poder genericamente inferir que ainda em século recente a formula *in hoc loco* não estava banida¹.

A designação de *famulus Christi* também não se póde attribuir a nenhuma epoca em particular, sendo porém muito commum nos epitafios da península, no tempo dos visigodos².

Ha porem no titulo do Valle, relativa ao defunto, uma indicação decerto menos vulgar, porque em Hübner nenhuma identica se encontra, a qual singulariza muito o monumento de que trato. É a qualificação *cumfrater*, dada ao sepultando.

Confrades ou *familiares* eram, segundo Viterbo (*Elucidario*, s. v. *Familiares*), pessoas seculares que faziam doação dos seus bens aos mosteiros, com o fim de dar remedio ás proprias almas, tornando-se participantes dos bens espirituaes da ordem em que se confrreiravam e cujo habito por vezes vestiam³. Este costume encontra-se, no dizer do A., referido nos documentos do sec. x a xiii⁴. E é, na ethnographia religiosa d'aquelles seculos, um facto que me parece importante para o fim que tenho em vista, qual o da idade do epitafio do Valle. Julgo curiosa por isso mesmo a epigraphie, talvez até singular. Este Ordonho

¹ Nas *Inscriptiones christianae*, de Rossi, vem do a. D. 482, n.º 877, *in hunc locum requiescit*, e do a. D. 457, n.º 798, *in hoc loco quiescet*. Em *L'épigraphie chrétienne en Gaule*, Le-Blant refere a pag. 16, tom. i, a formula *in hoc tumulo*. a. D. 491; *in hoc loco requievit*, do sec. v (pag. 85), e nas *Inscriptions chrétiennes de la Gaule* o principio *In hoc loco requiescit famulus Dei* (i, pag. 65 e ii pag. 667 a). Em Hübner podem ver-se os titulos dos n.ºs 31, 60, 99, 174, 184, 189, dos seculos vi e vii, n.º 215 do sec. ix, da Betica e Tarracensis, todos excepto um da Lusitania. Com tão diminuta collecção de epitafios, é decerto arriscada qualquer conclusão tocante a formulario, quer com relação a logares, quer a periodos restrictos.

² Hübner, *ob. cit.*, pref. pag. xi; *Arch. Port.*, i; Le-Blant (*Man. de l'épigraphie chrétienne*), pag. 78.

³ Cfr. Du Cange, s. v. *Familiares*. Cita as *Leges Alfonsinas*, ix, R. Cast., part. i, tit. 13, lege 7, na qual se diz: *Familiares son llamados, o confrades, los que toman señal de habito de alguna orden et moran en sus casas seyendo señores de lo suyo e non se desamparan dello*.

⁴ Podem ver-se alguns nas *Memorias da Academia*, tom. vi, part. ii, mem. v de Caetano Amaral e tom. vii, pag. 25 e 49, mem. de Fr. Aragão Murato.

era pois um *oblato* do mosteiro de Santa Maria do Valle, de que hoje nem os alicerces se reconhecem.

Finalmente encontro-me ainda por isto conduzido ao periodo dos mesmos seculos a que me levou, embora com mais precisão, o exame dos outros caracteres da lapide.

Nenhuma epigraphe traz Hübner pertencente a um *Ordonius*, nome que aliás seria commun nas populações do oeste da peninsula do seculo IX e seguintes: Veem apenas referencias aos reis d'aquelle nome. Ainda em documentos do sec. XII apparece e porventura em mais recentes¹.

De barbarismos grammaticaes, o epitafio de Santa Maria do Valle dá-nos exemplo da troca do ablativo pelo accusativo, com a aggravante da má concordancia *in hoc locum*; do *c* pelo *s* (*requiesset*); do *i* pelo *e* (*id.*)².

e) Idade da epigraphe:

Já vimos que este epitafio é attribuivel ao sec. XII e principalmente á segunda metade.

Referindo a idade d'este epitafio á chronologia portuguesa, teriamos pois que elle póde ser do reinado de Affonso Henriques ou ainda talvez, contemporaneo de Sancho I, apesar da estranhesa que causa o encontro de uma epigraphe visigoda, pelo emprego e pelo typo, em pura epoca portuguesa.

Parece-me ser esta a attribuição mais provavel, a hypothese mais segura; advertindo que em inscripções não datadas, pertencentes a uma região em que não abundam, como testemunha Hübner (pref. pag. VI e VII), é melindroso precisar restrictamente uma era, emquanto não for conhecido maior numero de lapides. Em todo o caso, a conclusão a que cheguei parece conter-se nos elementos de que me servi, e nos que foram ministrados quer pelos paleographistas que consultei e deixo indicados, quer por algumas outras inscripções a que me referi. Portanto, se erro, não é por absurdo, creio eu. Algum factor ignoro, nesse caso, que devia conhecer.

¹ Nas Memorias Parochiaes da freguesia de *Ermello*, onde o cenobio do Valle tinha uma filial, falla-se num sitio que conservava até então o designativo de Ordonho.

² Casos semelhantes se vêem em Hübner, menos o *s* por *c* (Hübner, *ob. cit.*, n.º 99, 101 e 174), em Rossi, (*ob. cit.*, n.º 798, pag. 346) e na *Revista Archeologica* (pag. 25, 1).



f) *Antiga exploração da necropole:*

O cemiterio a que pertenceu a lapide do confrade Ordonio foi, caso bem pouco vulgar, explorado no sec. XVIII, com intuitos archeologicos. E mal imaginariam os meus leitores que, prestando esse valioso serviço, vão encontrar neste longinquo recanto do pais um amigo pessoal de Cenaculo!

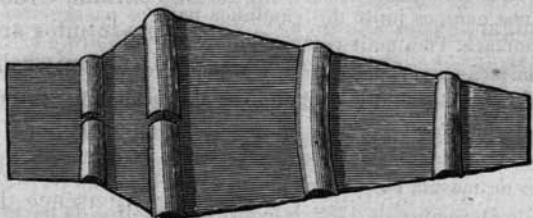
No cartorio da freguesia de Nossa Senhora do Valle existe um velho Tombo, para o qual o abbade Francisco José Lourenço do Valle Correia e Freitas, que parochiou aquella freguesia desde 1769 até aos primeiros annos do seculo de 1800 (em 1804 era nomeado o seu successor), compilou os documentos mais importantes e os papeis mais curiosos do antigo cartorio da igreja. Logo ás primeiras folhas do desbotado volume se encontra, entre outras, uma curiosa noticia do nosso cemiterio, escrita do punho de Fr. José de S. Lourenço, monge cisterciense, irmão d'aquelle abbade e que seu hospede era na primavera de 1782¹.

Na integra vou trasladar este interessante documento, embora a sua introdução padeça, em parte, de um vicio do tempo, a prolixidade, e o final se deva talvez referir a uma epoca archeologica diversa da que agora me occupa. Para mais, o erudito monge illustrou o seu trabalho com quatro figuras, que não podem deixar de ser reproduzidas fielmente tambem, pelo seu grande valor.

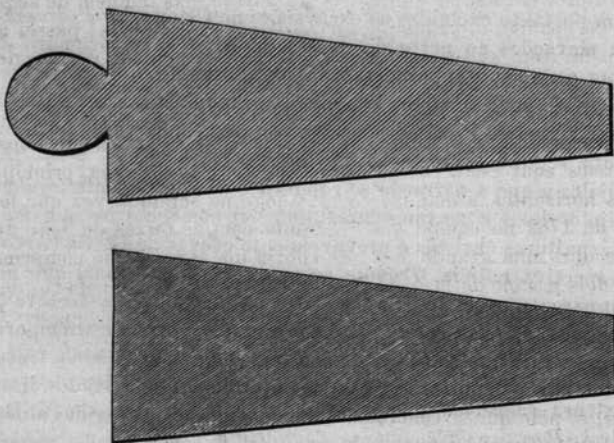
«A antiguidade que por si é estimavel, porque nella apprendemos e conhecemos muitas noticias occultas e perdidas na Historia para a qual nos subministra esclarecidos soccorros e porque chegamos a saber a differença, a vantagem e decadencia das Artes, penetrando juntamente a razão, o ingenho e os costumes dos seculos anteriores; não só é digna de ser amada mas tambem de se procurar. E sendo eu um dos que a contemplaram na lieção da Historia; passei ao maior grau de a gostar com as provas da experiencia. Já ajudado de tam deleitavel pratica vi que este accento do Valle, pelo bello horizonte em que está situado, seria tambem antigamente povoação romana ou mais antiga. Inquiri d'estas gentes se sabião qualquer noticia e conheci que nellas não havia outra que a dos mouros e que nem esses aqui estiveram. Desprezada tanta ignorancia, principiei, contemplados os horizontes, a mandar cavar, e logo na segunda vez que foi no dia 20 de Abril de 1782 no campo que confronta com as terras de João da Cunha do Cotto, descobri uma grande *lage* que cobria um sepulcro do comprimento de 10 palmos e dois e meio de largura feito de *grandes tijollos* e coberto de *grossas telhas ao gosto romano*, cheio por dentro de terra e *carrões* e calçado por fóra com

¹ Uma extensa referencia a este collaborador do grande bispo de Beja póde ver-se n-*O Arch. Port.*, IV, 283.

varias pedras, que mostravam ter servido em algum rico edificio. A figura do tumulo é a seguinte vista da parte de cima:



No dia 9 de Março e no seguinte mandei cavar no campo da *Mortueira* que por corrupção se chama vulgarmente *Murteira*¹, e apparecerão mais 38 sepulcros lavrados perfeitamente dentro do salão, uns descobertos e outros curiosamente tapados com lages. Somente continham dentro de si terra com carvões por cima e entre ella. Ha muitos mais sepulcros neste campo junto da parede que está á mão direita no caminho onde está o Cruzeiro defronte da Eira que fica á esquerda indo-se pelo caminho acima. Tambem em cima d'este tal campo está uma devesa em terra mais alta e nella se vêem ainda muitas aberturas no salão, que são parte dos sepulcros que alli houve, desfeitas a outras (?) com o salão que tem caído por estar mais eminente. No principio d'esta devesa descobri uma parede bem feita com todas as pedras assentadas em barro, assim por fóra como por dentro, a qual vinha pegar á esquina da parede defronte do Cruzeiro. Tinha de comprido 38 palmos e de largo 5. Mais adeante para o meio do dia no campo da *Mortueira* descobri debaixo da terra uma parede de casa quadrada e dentro d'ella uma lareira e cacos de louça grossa e pedaços de ferrugem. Dentro do ambito d'estas paredes se achava muita telha romana quebrada que tem differente figura da nossa e é mais grossa do que os tijollos de que hoje usamos, com muito carvão de madeira queimado. Signaes evidentes de terem sido estas casas abandonadas, e consequentemente arruinadas e nunca reedificadas. Os ditos sepulcros que na altura de quatro dedos, um ou 3 palmos de terra se podem achar, teem as seguintes figuras:



Note-se que estes sepulcros todos são mais compridos que um homem e bastante fundos. É tudo isto obra da gentildade romana que costumava queimar os cadáveres e guardar as cinzas em urnas ou tumulos conforme lhe parecia, os quaes tinham nos campos junto dos caminhos para os passageiros se lembrarem de que eram mortaes. Tem mais estes sepulcros os *pés para o oriente*.

À minha imitação, um rapaz chamado Manoel Antonio filho de Rosa da Cunha do logar da Costa da Bouça descobriu no seu *campo das Pedrosas* muito e grande tijollo sobre paredes e nellas muitos pilares de pedra, o que eu por ser impossivel descobrir-se todo o campo, conjecturo ser ornato de algum magnifico sepulcro, o qual descobri na mesma obra e era muito comprido todo *forrado de lages*.

No dia 26 de Dezembro de 1782 descobri nos Oiteiros da parte do norte junto da quinta de *Prados*, em cada cume dos taes oiteiros, um sepulcro, cuja obra se compunha de uma parede forte e grossa de pedras assentadas em barro formada em figura oval. Dentro da circumferencia que teria de comprido 15 palmos, estavam debaixo da terra quatro ou cinco lages levantadas, as quaes quasi juntando-se em cima, em fórma de fornalha, estavam cheias de terra e no fundo a um canto uma urna de barro do feitio de uma tijella assentada em barro com carvões e terra dentro de si. A figura da urna, que tambem era da grandeza de uma tijella, é a seguinte:



Até aqui chega o interessante relatorio. D'elle se conclue¹ que as sepulturas eram cavadas em forma de trapezio, tendo algumas um nicho circular para a cabeça do defunto. Uma d'ellas era guarnecida lateralmente de tijolos, e coberta de telhas ao gosto romano, cousas que Fr. José distingue claramente²; trinta e oito eram simplesmente

¹ Ficam portanto excluidas as excavações no Campo das *Pedrosas* e nos taes oiteiros ou elevações ao norte da quinta de *Prados*; no primeiro diz-se hoje no sitio, que em tempo appareceram lá sepulturas de *tijolos*; nos taes oiteiros, o que hoje se vê, pode ser tomado por uma grande mamôa arrasada, mostrando sulcos de explorações. Proximo, encontra-se ainda uma verdadeira mamôa com parte da anta, segundo informação fidedigna.

² Os tijolos a que a narração se refere não são certamente *tegulae*, mas verdadeiros tijolos lisos e rectangulares (*lateres*) como outros que foram encontrados nas sepulturas christãs e provavelmente coevas de Giella (Arcos); inedita ainda a respectiva noticia. *Tegulae* eram as *telhas romanas*, que no dizer de Fr. José appareceram no interior da tal casa incendiada e decerto provinham do seu telhado. Essa *telha romana* tinha *differente figura* da contemporanea d'elle e era mais *grossa* do que os *tijolos* do seu tempo, portanto não se tratava de *imbrices*. Assim havia sepulturas forradas lateralmente de tijolos lisos, tapadas com *tegulae*, e, pelo que se conclue de uma das figuras, protegidas ainda as juntas com *imbrices*. Se, quando o auctor do manuscrito refere a telha romana, preten-

abertas no saibro, algumas desprovidas de qualquer cobertura artificial, outras cuidadosamente tapadas com lages.

A primeira sepultura encontrada, que parecia pela construção ser de pessoa mais graduada¹, media 2^m,22 de comprimento e 0^m,55 de largura; tomadas em geral, eram todas mais compridas que um homem. Interiormente não continham mais do que terra e carvões, que o amigo de Cenaculo attribuiu á incineração dos cadáveres da gentildade. Por fim todas as sepulturas eram orientadas.

g) Estado actual das sepulturas:

Concorda inteiramente com estas indicações o que ainda hoje se póde ver, e o que eu soube por informação directa de um trabalhador, que assistiu a remeximentos de terra que, ordenados por dois abbades da freguesia do Valle², constituíram duas verdadeiras devastações archeologicas.

A necropole, situada em encosta voltada para o quadrante de O. S., abrangia algumas dezenas de sepulturas, sendo umas tapadas com lages, outras com tijolos. Em algumas destacava-se bem o nicho para a cabeça do defunto.

Vagamente me informaram que um dos tumulos deu «uma especie de enxada» e outros tijelas de barro³.

desse designar uma telha semi-cylindrica, nem diria «telha ao gosto romano», nem compararia a sua espessura á dos tijolos do seu tempo.

¹ Note-se ainda a circumstancia de ser sepultura de duplo cofre; a tampa superficial era uma *grande lage*; depois é que estavam as *telhas ao gosto romano*. É curioso ainda o aspecto d'essa sepultura, que é o de um verdadeiro telhado romano, composto de *tegulae* e *imbrices*; mas esta disposição sobreviveu e muito á civilização do imperio, entrando pela media idade fóra. Cupulas byzantinas do sul da França ainda conservam restos d'essa cobertura. (Veja-se Felix de Verneilh, *Architècture bysantine*, pag. 42).

² O trabalhador chamava-se Pires; inquirei-o em 1895. O primeiro abbade era Antonio Pereira Coelho, que o foi desde 1843 até 1870; o segundo era Bento José de Araujo e Sousa Gama, que esteve no Valle desde 1870 até 1891. Este comprou o passal da igreja e no sítio do cemiterio fez uma casa e várias outras obras. O Pires assevera que a lapide appareceu na necropole, sem poder afirmar que cobrisse alguma sepultura.

³ Esta informação é muito vaga para que eu não receie vê-la desmentida em futuras explorações do cemiterio do Valle. Refiro-a, porque o caso nem seria novo, nem deschristianizava a necropole. Quem sabe o que seria a «especie de enxada»? Mobiliario funebre? Casualidade? Enxada ou não? De foieinha, ha mais que um exemplo em sepulturas christãs; veja-se *Tardingen et les sépultures sous dalles*, par l'abbé H. Debout, pag. 50, onde se refere outro achado identico feito pelo celebre P.^e Cochet em sepulturas christãs medievaes. As tijelas junto dos esque-

A minha exploração pessoal foi, por um conjunto de circunstâncias contrarias, limitada a uma sepultura já revolvida. Naquelle parte da propriedade onde se encontra a eira, via-se bem desenhado no salão amarello um trapezio alongado de terra negra, cujo comprimento era de 2 metros e largura media 0^m,50. De envolta com o humus, encontravam-se fragmentos de tijolos de rebordo (tegula). A profundidade da sepultura não era superior a 0^m,1, o que se explicava pelo desgrossamento operado no terreno quando fôra das obras, para o nivelar.

Sobreposição de enterramentos de duas epochas historicas successivas não poderia dar-se. As sepulturas estão abertas no saibro virgem da encosta. Hoje no terreno que foi cemiterio existe uma casa com suas dependencias agricolas e junto da casa ha uma leira que dá pão e em que o arado vae alternadamente descobrindo e enterrando pedaços de tegulas.

Se, como vimos, o formulario da epigraphie do Valle era o visigodo, e se, apesar de pertencer ella a um seculo ao qual se não pode com rigor adaptar já aquella designação, esse formulario estava ainda em uso, pelo menos naquella afastado recanto, não devemos admirar-nos de encontrar parallelamente nos ritos funebres a conservação de muitos usos antigos.

Ora o modo de inhumação, observado na necropole do Valle (como em outras mais do concelho dos Arcos) é ainda caracterizadamente visigodo¹, mas não só visigodo, senão tambem proprio de outros bar-

letos, na mesma ordem de sepulcros, são quasi uma vulgaridade nos tempos a que os archeologos franceses chamam merovingicos, e anteriormente tambem. Podem ver-se: *Dictionnaire des antiquités chrétiennes*, par l'abbé Martigni, s. v. *Eau bénite*; *Leccion de archeologia sagrada*, por A. L. Ferreiro, pag. 42; *Noções de archeologia*, por Possidonio da Silva, pag. 150; *Étude sur les sépultures barbares*, por Barrière Flavy, pag. 114; e de entre as numerosas monographias que se occupam de cemiterios barbaros, esta, ao acaso: *Le cimetière franc de Briarès-sur-Essonne*, par Leon Dumuijs (in *Congrès archéologique de France*, 1892). A necropole do Valle, por conservar e revelar o processo inhumatorio adoptado pelos barbaros, inclusivamente pelos visigodos, podia ainda apresentar mais do que essa analogia. Infelizmente, neste capitulo da archeologia nacional, que é que se tem explorado?...

¹ O certo é, porem, que o emprego da tegula e da lage como forro de sepultura existia nos ritos das gentes que os barbaros aqui encontraram. Citarei apenas necropoles nacionaes: *Ferrestello* (*Arch. Port.*, II, 70), *Molião* em Lagos (*Arch. Port.*, v, 103 e VI, 100), sepulturas de *Athey* em Mondim de Basto (*ib.*, III, 70), e de Mertola (*ib.*, v, 243), etc. Para exemplificar sepulturas dos barbaros forradas de tijolos de rebordo, poderia organizar longa lista, referindo as explorações feitas em França. Podem ver-se referencias em *Les sépultures barbares* de Bar-

baros. E necropoles têm apparecido no país, da epoca romana, em que o processo inhumatorio é ainda identico.

h) Considerações finais:

Para a rigorosa attribuição chronologica, não tiro pois d'aqui elemento algum, mas também não se me pode argumentar com os resultados da exploração d'este cemiterio, para recuar a ancianidade da epigraphe a seculos anteriores áquelles a que presumo que ella pertence.

É realmente muito pouco o que pois nos deu o exame d'estas sepulturas. Para o conhecimento da idade do epitafio, valeram principalmente o seu exame paleographico e a referida singularidade ethnographica. Para o da civilização a que o cemiterio pertence, serviu o estudo do formulario da lapide. Mas nunca seria para desprezar uma exploração conscienciosa e scientifica d'esta necropole e de outras identicamente caracterizadas¹. Ficam assim incognitos alguns factores importantes que d'ahi poderiam advir para o estudo d'esta epoca entre nós.

O mobiliario funebre, se o houve, as variantes das inhumações, os caracteres dos cranios e a duração da necropole, seriam factos de utilissimo conhecimento, que por emquanto nos permanecem inteiramente escondidos. Sem elles, o estudo da epigraphe é apenas uma folha de um capitulo truncado e incompleto.

Oxalá se possa dotar o Museu Ethnologico com mais algumas antigualhas d'esta natureza. A lapide conserva-se embutida numa parede baixa á direita do portal da quinta, e baldados teem sido os meus esforços para conseguir que os seus actuaes donos enriqueçam com ella o dito Museu, nobilitando-se a si mesmos com esse acto de justa generosidade. Suspeitosos do seu valor, sentem esteril orgulho em a conservar na sua guarda, receando em vão desestimá-la com a transmissão para Lisboa.

Fevereiro de 1902.

FELIX ALVES PEREIRA.

rière Flavy, pag. 41 e 42, e *Les sépultures sous dalles*, par H. Debout, pag. 38, 39 e 53; e *L'épigraphie chrétienne en Gaule* de Le Blant, pag. 31. Uma grande parte das inhumações dos barbaros era feita em simples fossas e os cadaveres encerrados em caixões de madeira, dos quaes resta a pregaria; mas alem d'estas havia os sarcophagos, as sepulturas de lages, de tijolos e as emparedadas. Os adornos e adminiculos do vestuario e peças do armamento são para o explorador o mais importante indicio da natureza d'estas sepulturas. Não se encontrando d'estes documentos, o caso pode tornar-se duvidoso. (Veja-se *Revista de Guimarães*, xv, 95).

¹ Conheço-as no meu concelho em *Giella* e em *Parada*. Mas tenho informações de outras.